

O CICLO HUMANO

Capítulo IX

Civilização e Cultura (conclusão)

A Natureza começa a partir da Matéria, desenvolve a partir dela sua Vida oculta, de dentro da involução liberta na vida todo o rude material da Mente e, quando esta está pronta, volta a Mente sobre si mesma e sobre a Vida e a Matéria num grande esforço mental para compreender todas as três em seu fenômeno, sua ação óbvia, suas leis secretas, suas possibilidades e poderes normais e anormais, de modo que possam voltar-se para a conta mais frutífera, usadas do modo melhor e mais harmonioso, elevadas às suas mais altas bem como estendidas às suas mais vastas metas potenciais por meio da ação daquela faculdade que somente o homem dentre todas as criaturas terrestres claramente possui, a vontade inteligente. É somente neste quarto estágio de seu progresso que ela chega à humanidade. Os átomos e os elementos organizam a Matéria bruta, as plantas desenvolvem o ser vivo, o animal prepara e leva a uma certa espécie de organização mecânica o rude material da Mente, mas o derradeiro trabalho de todos, o conhecimento e controle de todas estas coisas e autoconhecimento e autocontrole – isto foi reservado para o Homem, o ser mental da Natureza. Para que ele possa cumprir melhor o trabalho que ela lhe concedeu, ela o compele a repetir fisicamente e, numa certa extensão mentalmente, estágios de sua evolução animal e, mesmo quando está na posse de seu ser mental, ela o induz a continuamente debruçar-se com um interesse e mesmo com uma espécie de absorção sobre a Matéria e a Vida e seu próprio corpo e existência vital. Isto é necessário à amplitude de seu propósito que nele é depositado. Sua inicial absorção natural no corpo e na vida é estreita e não inteligente; à medida que sua inteligência e força mental aumentam, ele se desprende em certa extensão, está apto a erguer-se mais alto, mas está ainda atado às suas raízes vitais e materiais pelo medo e pelo desejo, e tem de retornar a eles com uma curiosidade mais ampla, um maior poder de utilização, uma crescente, altamente mental e, no fim, mais e mais espiritual meta no retorno. Pois seus ciclos são círculos de uma crescente, embora ainda imperfeita, harmonia e síntese, e [a Natureza] o restitui violentamente aos princípios originais dela, às vezes mesmo a algo como suas condições primevas de modo que ele possa começar de novo numa curva de progresso e autocumprimento mais vasta.

Mas a inteligência do homem não é composta inteira e exclusivamente do intelecto racional e da vontade racional; nela entra uma luz e força mais profunda, mais intuitiva, mais esplêndida e poderosa, mas muito menos clara, muito menos desenvolvida e até aqui nem mesmo em inteira posse de si, e para a qual não temos sequer um nome. Contudo, seu caráter, de qualquer forma, é conduzir a uma espécie de iluminação – não a árida luz da razão, nem a úmida e alagada luz do coração, mas um relâmpago e um esplendor solar. Ela pode de fato

subordinar-se e meramente ajudar a razão e o coração com seus fulgores; mas há nela uma outra urgência, sua urgência natural, a qual excede a razão. Ela tenta iluminar o ser intelectual, iluminar o ético e o estético, iluminar o emocional e o ativo, iluminar mesmo os sentidos e as sensações. Ela oferece em palavras de revelação, ela desvela como se por clarões de relâmpago, ela mostra numa espécie de esplendor místico ou psíquico ou lança numa luz assentada, mas para o homem mental quase sobrenatural, uma Verdade maior e mais verdadeira do que o conhecimento dado pela Razão e pela Ciência, um Bem maior e mais divino do que o esquema de virtudes do moralista, uma Beleza mais profunda, universal e rapturosa do que a beleza sensual ou imaginativa que é cultuada pelo artista, uma alegria e divina sensibilidade que deixa pobres e pálidas as emoções comuns, um Sentido além dos sentidos e sensações, a possibilidade de mais divina Vida e ação a qual a conduta de vida comum do homem oculta de seus impulsos e de sua razão. Muito variados, muito fragmentários, com frequência muito confusos e enganosos são seus efeitos sobre todos os membros inferiores abaixo da razão, mas isto é no fim aquilo a que ela conduz em meio a uma centena de deformações. Ela é capturada e morta ou pelo menos diminuída e asfixiada em credos formais e observâncias pias; é impiedosamente comerciada e transformada em pobre e vil moeda pela vulgaridade das religiões convencionais; mas é ainda a luz que buscam o espírito religioso e a espiritualidade do homem, e algum pálido lampejo dela perdura mesmo em suas piores degradações.

Esta própria complexidade de seu ser mental, com a ausência de qualquer princípio que possa com segurança dominar os demais, a ausência de qualquer luz segura e certa, que possa guiar e fixar em suas vacilações a razão e a vontade inteligente, é o grande embaraço e pedra de tropeço do homem. Todas as hostis distinções, oposições, antagonismos, lutas, conversões, reversões, perversões de sua mentalidade, toda a caótica guerra de ideias e impulsos e tendências que confundem seus esforços, ergueram-se das incompreensões naturais e exigências conflitantes de seus muitos membros. Sua razão é um juiz que dá vereditos conflitantes e é subornada e influenciada pelos pretendentes; sua vontade inteligente é um administrador assediado pelos conflitos das diferentes herdades de seu reino e pelo sentido de sua própria parcialidade e incompetência final. Contudo, no meio de tudo isso ele formou certas, amplas ideias de cultura e da vida mental, e suas noções conflitantes sobre elas seguem certas linhas bem definidas, determinadas pelas divisões de sua natureza e modeladas num sistema geral de curvas por suas muitas tentativas de chegar seja a um padrão exclusivo ou a uma harmonia integral. Temos primeiro a distinção entre civilização e barbarismo. Em seu sentido comum, popular, civilização significa o estado de sociedade civil, governada, policiada, organizada, educada, possuindo conhecimentos e dispositivos, em oposição aqueles que não têm ou se supõe que não tenha tais vantagens.

(...)

Barbarismo é o estado de sociedade em que o [ser humano] está quase inteiramente preocupado com sua vida e seu corpo, sua existência econômica e física – primeiro com sua manutenção suficiente, não ainda com seu maior e mais rico bem-estar – e tem poucos meios e reduzida inclinação para desenvolver sua mentalidade, enquanto a civilização é o estado de sociedade mais desenvolvido no qual a uma organização social e econômica suficiente é acrescentada a atividade da vida mental na maioria se não em todas as suas partes.; pois às vezes algumas de suas partes são deixadas de lado ou desencorajadas ou temporariamente atrofiadas por sua inatividade, no entanto a sociedade pode ser muito obviamente civilizada e mesmo altamente civilizada. Esta concepção incluirá todas as civilizações históricas ou pré-históricas, e colocará de lado todo barbarismo, seja da África ou Europa ou Ásia, dos hunos, godos, vândalos ou turcomanos. É óbvio que num estado de barbarismo os rudes começos da civilização podem existir; é óbvio também que numa sociedade civilizada uma grande massa de barbarismo ou relíquias numerosas do mesmo podem existir. Nesse sentido, todas as sociedades são semicivilizadas. Quanto de nossa civilização atual será visto com espanto e desgosto por uma humanidade mais desenvolvida como sendo as superstições e atrocidades de uma era imperfeitamente civilizada! O ponto principal, contudo, é que em qualquer sociedade que possamos chamar civilizada a mentalidade do homem precisa estar ativa, as buscas mentais desenvolvidas e a regulação e o aperfeiçoamento de sua vida pelo ser mental um conceito claramente autoconsciente em sua mente melhor.

(...)

A vida mental mais alta, numa palavra, foi democratizada, trazida ao nível da sensação, ativada tanto com bons quanto com maus resultados. Através de tudo isso o olho da fé pode ver talvez que, ainda rústica, uma enorme mudança começou. Pensamento e Conhecimento, se não ainda a Beleza, podem ser ouvidos e mesmo produzir rapidamente alguma vasta, vaga e, no entanto, ao final efetiva vontade por seus resultados; a massa da cultura e dos homens que pensam e se esforçam seriamente por apreciar e saber aumentou enormemente atrás de todo esse véu superficial de sensorialismo, e mesmo o homem sensorial começou a passar por um processo de transformação. Especialmente, novos métodos de educação, novos princípios de sociedade estão começando a adentrar a gama de possibilidades práticas que irão talvez criar um dia este fenômeno ainda desconhecido, uma raça de homens – não somente uma classe – que terão numa certa extensão descoberto e desenvolvido seus selfs mentais, uma humanidade cultivada.

PENSAMENTOS E AFORISMOS

O encontro de homem e Deus deve sempre significar uma penetração e entrada do Divino no humano e uma autoimersão do Homem na divindade.

Esta imersão, porém, não tem a natureza de um aniquilamento. Extinção não é a consumação de toda essa procura e paixão, sofrimento e arrebatamento. O jogo nunca teria começado se este fosse seu término.

Alegria é o segredo. Sabe da pura alegria e saberás de Deus.

O que então, foi o começo de tudo isso? Uma existência que se multiplicou por puro deleite de ser e se arremeteu em incontáveis trilhões de formas, a fim de que pudesse encontrar a si mesma inumeravelmente.

E o que é o meio? Divisão que se esforça em direção a uma unidade múltipla, ignorância que labuta em direção a maré de luz variegada, dor que moureja em direção ao toque de um êxtase inimaginável. Porque estas coisas todas são figuras escuras e vibrações perversas.

E o que é o fim de tudo isso? Como se o mel pudesse provar a si mesmo e a todas as suas gotas juntas, e todas as suas gotas pudessem provar uma à outra e cada uma toda a colmeia como sendo ela mesma, assim deveria ser o fim com Deus e a alma do homem e o universo.

O Amor é a tônica, a Alegria é a música, o Poder é a energia, o conhecimento o executor, o infinito Todo é o compositor e a audiência. Conhecemos somente as discórdias preliminares que são tão ferozes quanto a harmonia deve ser grande; mas certamente chegaremos à fuga das Beatitudes divinas.